

Economia e gastos com a saúde

CARLOS SCHERR

Em 1980, no Congresso Mundial de Cardiologia Pediátrica realizado em Londres. No mesmo ano, no Europeu da Cardiologia, em Paris. Parecia não haver sinal de Brasil. Apenas alguns abnegados marcavam presença. No ano seguinte, na reunião anual do American College of Cardiology — São Francisco, Califórnia — não foi diferente; e assim, sucessivamente, ano após ano, fui testemunha da rara presença de brasileiros nos eventos científicos internacionais.

Mas, coincidentemente com o Plano Cruzado, em 1986, em Washington, o Congresso Mundial esteve lotado de brasileiros. Muitos deles buscando um bom motivo para passear mais do que propriamente para aprimorar seus conhecimentos; após o que, novamente, as aparições minguaram.

Nos últimos quatro anos, já com o novo plano econômico (Real) em pleno vigor, pude constatar o crescimento do interesse científico de cardiologistas de

praticamente todas as partes do país. Estão atentos, presentes, participantes. Em 1996, foram 600. Em 1997, aproximadamente 700. Hoje, o American College of Cardiology está formando um capítulo brasileiro, fato que nos proporciona uma maior oportunidade de intercâmbio e aumenta a perspectiva de participação em grandes pesquisas científicas mundiais.

Parece que isto é verdade para todas as especialidades, o que é excelente. Além de melhorar o nosso nível científico, dá oportunidade para que se possa analisar a importância dos custos nos tratamentos e a conscientização da necessidade de se associar eficiência com custo/benefício, coisa que num país como o nosso deveria se ter como conceito número um.

A melhora de nossa economia certamente é um fator definitivo na medida que, através da estabilidade econômica,

proporciona condições de estes profissionais se aperfeiçoarem e repassarem a outros os conhecimentos e as novas técnicas aprendidas.

Não se pode esquecer que os incentivos oficiais para profissionais sérios terem acesso ao mundo científico ainda são incipientes e insuficientes.

Deve-se ter consciência de que a performance de bons profissionais bem adaptados à realidade econômica mundial pode trazer a hospitais públicos a eficiência ligada a procedimentos de última geração com menos custos.

Remédios mal empregados, aparelhos ou técnicos que não tiram resultados adequados trazem mais so-

frimento que alívio para os pacientes, agravando suas doenças e gerando, sem dúvida, mais despesas para o país.

Os economistas devem nos ajudar para a melhoria da qualidade tecnológica

e científica do país, mas é preciso que atentem para o fato de que algumas despesas são investimentos para um bom lucro a médio prazo, enquanto certas contenções resultam, na verdade, num aumento dos gastos, no máximo, a médio prazo.

Campanhas de prevenção de doenças são mais baratas e evitam ou minimizam tratamentos. Para aqueles já doentes, adequados procedimentos ambulatoriais podem evitar internações e, quando estas são imperiosas, procedimentos realizados com presteza e perícia, corretamente indicados, salvam vidas e diminuem a necessidade de novas internações. Se os médicos entenderem cada vez mais esta equação, como nossos colegas europeus e americanos, certamente os recursos serão mais bem empregados.

Nada mais adequado para o ano que o Governo elegeu para a saúde.

CARLOS SCHERR é médico e diretor do Hospital de Cardiologia de Laranjeiras e membro do American College of Cardiology.

Algumas
despesas são
investimentos
para bom lucro
a médio prazo
